



A Formação da Educadora e a Educadora Maria Isaura de Medeiros Pinheiro

As professoras Marta Maria de Araújo e Maria Estela Costa Holanda Campelo elaboraram as perguntas da Entrevista que foram respondidas por escrito. A educadora Maria Isaura de Medeiros Pinheiro trabalhou na Universidade Federal do Rio Grande do Norte no período de 1965 a 1990 como Professora, Vice-Diretora da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Vice-Coordenadora do Curso de Pedagogia, Chefe do Departamento de Educação e Pró-Reitora de Graduação.

1. Conte-nos brevemente a sua história da escolarização primária.

Profª Maria Isaura: Se entendermos escolarização como processo formal, a minha foi iniciada a partir do 3º ano primário. Ao ser matriculada no Colégio Nossa Senhora das Neves eu já lia e escrevia. Não havia exigência para que se comprovasse aprovação nas séries anteriores. Interessava era saber se o aluno acompanharia os estudos que seriam feitos na série em que iria estudar. Não me lembro de ter tido uma cartilha nas mãos. Minhas irmãs mais velhas foram brincando de me ensinar e eu levando a sério o aprender. Assim foi que cheguei ao Colégio das Neves “pegando,” como se falava na época, o 3º ano primário que, exceção feita para matemática, acompanhei sem dificuldade. A Coleção F.T.D., adotada nos colégios católicos induzia à memorização desde que os conteúdos eram apresentados sob a forma de perguntas e respostas. A História Sagrada poderia ser “compreendida” mas o catecismo, ainda guardando resquícios da Contra Reforma deveria ser decorado. Considero bem mais significativo para a minha formação religiosa os momentos passados na Capela as orações recitadas e, principalmente, o cheiro de incenso. Guardo uma lembrança muito nítida do livro de preparação para o Exame de Admissão. O hábito de memorizar havia se tornado tão forte que era praticado inclusive no ensino de História. Ainda hoje sou capaz de iniciar o relato da vinda da Corte Portuguesa para o Brasil dizendo: “No princípio do século passado um homem se tornou senhor de toda a Europa.” Esse homem era Napoleão Bonaparte, Imperador da França.” Talvez a condição de aluna externa ou porque a minha casa continuasse funcionando



para mim como uma escola instigante e lúdica, do Colégio, que me perdoe a querida Celina Bezerra Santa Rosa, só sei falar de flores...

2. Evoque as memórias de aluna secundarista do Ateneu Norte-Riograndense: havia um Ateneu feminino e um Ateneu masculino? Também havia no Ateneu um curso clássico feminino e outro masculino? Evoque ainda as lembranças da Faculdade de Direito do Recife?

Profª Maria Isaura: O orçamento dos meus pais, pequenos funcionários do Tesouro do Estado, não suportaria o ônus de me manter no Colégio. O temor da minha mãe em retirar a filha de uma escola religiosa para matriculá-la numa escola pública era inversamente proporcional ao meu deslumbramento com a possibilidade de ir para o Ateneu Norte-Riograndense. Sonhava em estudar com aqueles professores que eram citados ou subescreviam artigos no Jornal "A República." Mas, cheguei lá... Ingressei no ginásio do Ateneu Feminino que funcionava na rua Jundiá, onde hoje está a Fundação José Augusto. Falar sobre o meu ginásio vem reforçar a certeza da impossibilidade de separar o cognitivo do afetivo. Assistir as aulas era, de modo geral, tão agradável quanto conversar nos intervalos ou participar de festas. Mons. João da Mata trazia pra o Ateneu umas tintas de colégio de freiras e Cecília de Oliveira e Olindina Lima procuravam fazê-lo um pouco parecido com a Escola Doméstica. Os professores Edgar Barbosa, Clementino Câmara e Marieta Guerra marcaram a minha formação. Ficou o que eles me ensinaram de Literatura Portuguesa, História e Francês.

Depois, fui cursar o Clássico que havia ali decidida me formar em Direito. O curso funcionava na rua Junqueira Aires. A realidade era outra. O profº Celestino Pimentel tentava colocar disciplina, mas os alunos já haviam conquistado autonomia. Os professores não apresentavam o mesmo nível de exigência que havia no Ateneu feminino. A exceção era Dr. Sebastião Monte que ensinava Biologia Educacional. E ainda havia a figura de "Seu" Sérgio Santiago (responsável pelos alunos) benevolente e conciliador. Se procurarmos uma proposta pedagógica do Ateneu, não iremos encontrá-la. As atividades não eram sistematizadas nem tinham as suas interações estabelecidas. Terminei por descobrir é que havia como se fosse uma "filosofia de ação" não verbalizada. Os professores tinham uma espécie de compromisso com o próprio saber bem maior do que com que os alunos viessem a aprender.



A proposta pedagógica era bem mais transmissão de conhecimento. Traduzimos trechos das *Catilinárias*, com o Cônego Luiz Wanderley, aprendemos com o Prof^o José Gurgel as propriedades gerais da matéria e visitamos panorâmica e criticamente a literatura francesa com Dr. Esmeraldo Siqueira. As lembranças da Faculdade de Direito do Recife são muitas e diversificadas. Houve o medo de não passar no vestibular e quase me fez desistir. Depois foi a vaidade de ser acadêmica e a formação de um grupo de bons amigos. O formalismo das aulas era alarmante com todas em salas como anfiteatros. As aulas eram proferidas (o termo é esse mesmo) pelos professores Pinto Ferreira, Aníbal Bruno, João Aureliano, que reencontro hoje nos livros estudados pelos meus netos. Vocês falam em evocar. Nas minhas memórias da Faculdade de Direito encontro duas coisas que me encantam: a magia do edifício do Parque 13 de Maio e a efervescência de uma política da qual eu, em respeito ao extremado getulismo do meu pai e falta de maturidade, não participei.

3. Qual foi o ano em que a senhora começou a lecionar na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)? Quais os cursos em que ministrou aulas? E quais as disciplinas ensinadas no curso de Pedagogia?

145

Prof^a Maria Isaura: Comecei a ensinar no curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, em 1965, por indicação do Prof^o Francisco das Chagas Pereira. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras integrava a Fundação José Augusto. Posteriormente é que ela vai ser federalizada. A luta pela federalização foi cheia de lances inacreditáveis. Um grupo coeso agiu de forma que hoje seria denominada politicamente correta. Ressalto os nomes de Francisco das Chagas Pereira, Quinho Chaves, Max Azevedo, Mons. Alair Vilar, Selma Pereira e outros mais. A grande estrategista que nos levou à federalização da Universidade foi Vanilda Paiva. No curso de Pedagogia assumi a disciplina Filosofia da Educação e logo depois substituí a Prof^a Cléa Bezerra, em História da Educação. Ensinei Educação Comparada e, finalmente, me fixei em Didática. Achei apaixonante ensinar Educação Comparada. O livro básico era o de Nicholas Hans, com um belo apêndice escrito por Anísio Teixeira. Eu escrevia para os Consulados e recebia material de diversos sistemas de ensino, para compará-los em sala de aula. A disciplina abria espaço para estabelecer elos com a História de diversos países, o que



tornava o estudo bem estimulante. Depois é que assumi Didática. Esta disciplina era ministrada em todas as licenciaturas. Convivi, dessa forma, com alunos dos mais diferentes cursos o que enriqueceu a minha experiência acadêmica.

4. A senhora é considerada como uma das primeiras estudiosas da Didática da "Escola Nova" na UFRN. Quais os autores e os fundamentos escolanovistas privilegiados? Que competências a sociedade do momento estava a exigir de seus professores?

Prof^a Maria Isaura: Trabalhar numa perspectiva de Escola Nova era algo que me fazia sentir contribuindo para "arejar" ou enriquecer a Escola. Ficava bem nítida a idéia de que estava sendo transposta o que pejorativamente se denominava "Escola Tradicional." A Psicologia através de princípios como o da valorização do educando, atendimento aos seus interesses e respeito a sua individualidade, indicava os caminhos da "Didática Nova." Falava-se numa "revolução copernicana do ensino," na qual teria ocorrido o deslocamento de um centro antes ocupado pelo professor. A escola era vista na sua perspectiva interna embora se falasse na socialização do educando. Nos últimos anos da década de 60 o entusiasmo pela Escola Nova decresce. Algumas propostas começam a surgir deixando entrever o surgimento da era tecnicista. Aparecem experiências com Instrução Programada e Estudo através de Fichas. Quando à formação do professor pretendido não havia muita nitidez. Obedecia-se a uma Didática normativa. Conscientes do quanto importava o conteúdo também havia a preocupação com o saber. Lembrando o vocabulário da época distingo dois momentos. No primeiro, além de dominar o conteúdo o professor deveria "ser capaz de motivar os alunos," "ter didática" e exercer o "manejo de classe." Nessa etapa os livros adotados eram "Sumários de Didática Geral" de Luiz Alves de Matos e "Didática Geral" de Imídio Nerici. Amédia Domingues de Castro piagetiana, já foi um avanço. Depois chegaram livros que tratavam de novas técnicas: Vera Maria Candau, João Batista de Oliveira e Cosete Ramos. Começamos (já havia uma equipe de Didática) também a trabalhar com textos. Durante o tempo em que a pseudo neutralidade da técnica prevaleceu a preocupação já bem delineada era formar um professor competente para empregar a multiplicidade dessas técnicas e usar uma parafernália de equipamentos que não estariam disponíveis nas escolas onde iriam ensinar.



5. Como professora de Didática, os estudos das novas tecnologias de ensino estavam centrados em quais aspectos?

Prof^a Maria Isaura: Vivi plena e entusiasticamente a chamada era tecnicista de maneira um tanto acrítica, quando comecei a sentir um “chão” teórico para o ensino, como se ensinar só então passasse a ser atividade científica. Vez por outra é que percebia que a reflexão tinha sido alijada e a Didática simplesmente se preocupava com os meios. A disciplina passou a ser meramente instrumental. Havia um tripé que alicerçava a Didática e o uso das novas tecnologias: a psicologia behaviorista, o enfoque sistêmico e a teoria da comunicação. Tenho a impressão que nunca estudei tanto. Dissecava taxionomias, elaborava instrumentos que pretendiam identificar e até quantificar “comportamentos de entrada e saída,” garimpava verbos que nos objetivos de ensino referissem comportamentos observáveis. Dominava a idéia de eficácia e eficiência. Concentrada na rigidez das fórmulas eu não, parava para pensar a serviço de quê se colocaria o sucesso pretendido. Fiquei tão centrada nessa prática que as primeiras tentativas que levariam a Didática a superar a condição de meramente instrumental me chocaram. Hoje percebo que as novas propostas chegavam de forma equivocada: contestava-se a própria escola e não precisamente o que se passava ali, e o seu isolamento do contexto sócio-político.

147

6. De onde partiu o seu interesse pela História? Que relevância a História teve em sua vida acadêmica?

Prof^a Maria Isaura: Eu poderia dizer que houve uma pré-disposição genética desde que o meu bisavô Vicente Simões Pereira de Lemos foi historiador e fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Parece que tudo começou pelos livros que, como presentes ou empréstimos, o meu tio Tarcísio da Natividade Medeiros fazia chegar as minhas mãos quase todos da autoria de Viriato Correia. Aliás, Tarcísio foi a pessoa que mais influenciou a minha formação e mesmo as minhas opções profissionais. Trilhei o seu caminho ao cursar a Faculdade de Direito do Recife e, posteriormente, tornar-me professora de História. Depois descobri em Moacir de Góis o tipo de professor que eu queria ser. A relevância da História na minha vida tem muito de prazer. Gosto de sentir que vivi e continuo vivendo a História. Também, mesmo aceitando postulados da Nova História, continuo cultuando os meus heróis.



7. E os cursos de CADES – poderia descrevê-los? O que eles representaram na história da formação de professores do RN?

Profª Maria Isaura: Os cursos de CADES representam um dos passos mais sérios dados no sentido da profissionalização do professor no Rio Grande do Norte. O sucesso do programa no Estado deve em grande parte ser creditado ao Profº Max de Azevedo. Ele tanto possuía talento para formar equipes docentes que respondiam muito bem à proposta do programa, quanto sabia conduzir os trabalhos. Os professores-alunos que vinham das escolas mais distantes freqüentar esses cursos traziam uma respeitável experiência docente. Assim, naquelas aulas acontecia a análise de uma prática que vinha sendo exercida e o estudo do que deveria mudar ou mais freqüentemente ratificar a prática. Era muito bom ver isso acontecer. Encontrei muitos anos depois na experiência da implantação do curso de Pedagogia do Instituto Kennedy, claro que formalizada e revestida de uma consistente fundamentação teórica, uma proposta parecida. Senti então como se estivesse revivendo os cursos de CADES numa edição nova revista e melhorada.

8. Com relação à formação do professor alfabetizador? Existia algum curso específico para esses professores? Ou conheceu alguma iniciativa para a formação desses professores? Poderia descrevê-la? Onde e como funcionava? Por que surgiu?

Profª Maria Isaura: Infelizmente não tive qualquer experiência com os primeiros níveis de ensino. Comecei como professora do ginásio. Sei que a alfabetização era trabalhada nos Cursos Normais principalmente pela Metodologia da Linguagem. Não participei da “Campanha de Pé No Chão Também Se Aprende a Ler,” mas foi exatamente nesse momento que refleti sobre a questão levada pelo entusiasmo de Moacir de Góis. Essa reflexão englobou aspectos metodológicos e políticos. No mais foram as leituras de Paulo Freire.

9. Durante quantos anos a senhora foi membro do Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Norte? Nesse período de tempo como era realizada a Formação Continuada do professor primário e secundário?

Profª Maria Isaura: Fui membro do Conselho Estadual de Educação (CEE) no período compreendido entre 1971 a 1984. parece-me que a expressão



formação continuada, pelo menos com significado que assume hoje não estava em foco. A preocupação do CEE ficava mais centrada na titulação dos docentes e regularização de escolas. Aliás, essa preocupação era objeto de debate quando apreciávamos processos de autorização e reconhecimento de escolas ou cursos. Analisamos experiências de cursos modulados e que inovavam a estrutura dos currículos tradicionais.

10. Como analisa o papel/importância do Conselho Estadual de Educação na história da educação do Rio Grande do Norte?

Profª Maria Isaura: Quanto a importância e o papel do CEE há muito o que dizer. Primeiro que tudo assinalo a luta dos que faziam o Conselho para que fosse menor a distância entre a importância e o papel do CEE definido por lei como órgão consultivo e normativo e o quase exclusivo exercício de funções ditas cartoriais. O tempo era tomado pela análise de processos rotineiros. Luciano Nóbrega e Laércio Segundo, principalmente, ainda conseguiam com dificuldade elaborar e aprovar normas que tinham significado para o sistema educacional. Cada Secretário de Educação que assumia recebia a visita do Conselho. Nessas oportunidades entregávamos um documento dizendo da nossa vontade de participar da formulação de políticas sobre as questões maiores do sistema. Quase nada conseguimos. Essa realidade apequenava o Conselho. Mesmo que os processos apreciados fossem rotineiros nas discussões emergiam aspectos que nos remetiam para questões maiores. Para mim, o Conselho através desses processos mostrava a realidade das escolas nas quais os meus alunos de Didática iriam trabalhar. Também foi no Conselho que senti a real diferença entre competição e cooperação que deve existir em Colegiados. Aceitar, reformar um parecer que eu havia elaborado cuidadosamente não me incomodava. Consideremos que as discordâncias eram formuladas por Conselheiros como Waldson Pinheiro, Analdo Arsênio, Pe. Tércio, Dione Violeta...

149

11. Que projetos e experiências educacionais a senhora desenvolveu juntamente com Dr. Marx Azevedo? E com a profª Maria Marta Araújo?

Profª Maria Isaura: Aos nomes de Max Azevedo e Marta Araújo é preciso acrescentar muitos outros: Selma Pereira, Paulo de Tarso, Quinho Chaves,



Neide Varela, Marlíria Ferreira de Melo... Interessante é que a exceção de Max, Selma e Marlíria todos foram meus alunos. Talvez seja esse o meu maior orgulho: o de ter trabalhado e aprendido com meus alunos do Curso de Pedagogia que se tornaram professores do Departamento de Educação. Eu não chamaria de projetos ou experiências o que esse grupo vivenciou. Foi um longo e belo cotidiano de trabalho. Claro que existiram momentos marcantes nesse dia-a-dia. Por exemplo, quando foram implantadas as habilitações no Curso de Pedagogia. Não sei se essa lembrança me aparece mais nítida pela novidade, pela realização de estudos sistemáticos ou pelo muito que acreditávamos na mudança que iria se operar na formação do educador.

12. A sua carreira profissional parece-nos ter sido marcada por mudanças. A vida profissional e intelectual da prof^a Maria Isaura Pinheiro foi realmente marcada por descontinuidades e mudanças?

Prof^a Maria Isaura: Realmente muitas mudanças se operaram na minha vida profissional. Todas foram marcadas por decisões resultantes de um lento processo, de um querer mudar. Por exemplo, quando comecei a priorizar as atividades na área educacional em relação ao exercício das funções no Ministério Público. As mudanças que implicavam na adoção de posturas novas no plano da prática docente essas foram até dolorosas. Olhar a História sob um ângulo bem diverso da História mais tradicional foi uma transposição difícil. Envolveu o afetivo. Sinceramente, a figura do líder sozinho fazendo a História acontecer ficou guardada. Não tão bem guardada, pois os meus netos, se ouvem falar sobre De Gaulle, Juscelino Kubtschek ou mesmo Getúlio Vargas, sempre dizem "Lembrei hoje de você." Eu não sinto que houve propriamente mudanças, seria bem mais redimensionamentos. Só aceitei esses redimensionamentos quando motivados por leituras críticas e o próprio contexto social que se modificava e me conduziam a um pleno convencimento. Muitas vezes me perguntei: "será que não estou adotando modismos"? Possivelmente porque o meu caminhar ocorreu dessa forma jamais adotei posições radicais.



13. Enfim, o que representa a UFRN para a prof^a e intelectual Maria Isaura Pinheiro?

Prof^a Maria Isaura: Foi bom ver a pergunta formulada no tempo presente. Eu ficaria um tanto perplexa com o verbo colocado no passado. Da Universidade eu recebi muito. Não é discurso de pedagoga dizer que ensinar foi realmente “trocar experiências” Na UFRN exerci um trabalho marcado pela crença e vontade de acertar. Pelo prazer também. Nas salas e corredores da Universidade eu convivi na mais bela acepção do termo. Acompanho a UFRN sofrendo as suas inevitáveis crises e alegrando-me com seu esforço de vencê-las. Acho que aprendi muito mais do que ensinei. Continuo acreditando na Instituição e no papel que os séculos lhe conferiram. Falei que vivenciei trocas no sentido do saber. Muito mais significativo, entretanto, é que troquei afetos como os que partilharam comigo do ensinar e aprender. Sinto isso no abraço de antigos alunos e nas palavras com que eles bondosamente asseguram que eu tive um lugar nas suas vidas. Afinal, não revivi a história de Inês de Castro.